



Expandir da Madrugada: Monoculturas e Ecologias na prática do design

Bruna Avellar M. C. Cunha;¹

Livia Silva Oliveira;²

Vitor Monte Arruda³

María Cristina Ibarra⁴

resumo:

O antropólogo britânico, Tim Ingold (2016), afirma que a atencionalidade nos leva a romper com a objetificação e a dominação da vida, uma vez que somos sujeitos que fazemos, mas também, somos objetos que sofremos. Segundo Arturo Escobar (2020), antropólogo colombiano, o design é um domínio ou espaço importante para a criação de mundos e produção da vida, sendo sustentado até hoje dentro do que conhecemos como tradição racionalista. Por sua vez, o sociólogo Boaventura de Sousa Santos (2008), retrata que uma das características da tradição racionalista é o reducionismo, não enxergar a riqueza inesgotável do mundo. Para combater o caráter reducionista e hierarquizante da racionalidade, este sociólogo propõe uma Sociologia das Ausências. Ou seja, uma sociologia insurgente que mostra aspectos invisíveis à realidade hegemônica do mundo. Esta invisibilidade diminui a riqueza do presente. O autor afirma que não há uma maneira única de produção das ausências, mas destaca cinco modos que as ciências sociais compartilham. Ele chama esses modos de monoculturas. Em contrapartida, ele propõe também cinco ecologias para substituir estas monoculturas que buscam inverter esta situação. No presente artigo, buscamos aprofundar duas ecologias: a Ecologia dos Saberes e a Ecologia da Transescala. A partir delas nos perguntamos como o design pode contribuir para uma valorização de outros tipos de conhecimentos para além do acadêmico e de sistemas alternativos de produção para além dos capitalistas. Para isso, foi desenvolvido um projeto de 9 semanas na Feira Agroecológica das Graças (FAG), em Recife. Nele, foram utilizadas ferramentas e conceitos do Design Participativo (DP), como sondas culturais; e abordagens como a pesquisa de campo. Como resultado, propomos um Guia experimental como uma maneira por meio do design de valorização de saberes extra-acadêmicos e de sistemas alternativos de produção.

palavras-chave:

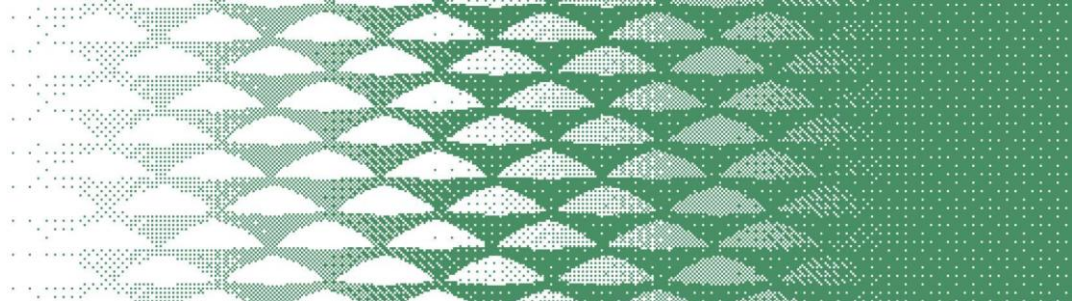
design; sondas culturais; ecologias e monoculturas; racionalidade; feira agroecológica das graças

¹ <http://lattes.cnpq.br/6867742066661465>

² <http://lattes.cnpq.br/4082001009543132>

³ <http://lattes.cnpq.br/6935367011262940>

⁴ <http://lattes.cnpq.br/3707517093961615>



1. Introdução

O presente artigo surge a partir da experiência adquirida em um projeto realizado na disciplina de Metodologia e Desenvolvimento de Produto, ministrada pela professora Maria Cristina Ibarra, no curso de graduação de Design da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). No projeto, chamado de “Expandir da madrugada”, foi desenvolvido um Guia Experimental sobre a Feira Agroecológica das Graças (FAG), no Recife.

Nesse artigo, buscamos analisar como através de um processo de design podem ser repensadas a Monocultura do saber e do rigor e a Monocultura do produtivismo capitalista propostas pelo sociólogo Boaventura de Sousa Santos (2008). Com base na análise dessas monoculturas, foram identificados alguns questionamentos centrais: Como praticar e construir processos de design que valorizem o diálogo de saberes não apenas científicos? Como valorizar através do design sistemas alternativos de produção?

Para o desenvolvimento deste projeto foram utilizadas ferramentas e conceitos do Design Participativo (DP), como sondas culturais; e abordagens como a pesquisa de campo. O Design Participativo é definido como um processo de investigação, compreensão, reflexão que apoia a aprendizagem mútua entre múltiplos participantes na reflexão-ação coletiva (SIMONSEN, ROBERTSON, 2013). A partir disso, a pesquisadora finlandesa Tuuli Mattelmäki utiliza princípios do campo do design para conceituar as sondas culturais como ferramentas baseadas na participação do usuário através de auto documentação. Esses usuários coletam e documentam o material fazendo registros de suas próprias experiências, bem como expressando seus pensamentos e ideias. (MATTELMÄKI, 2006, p. 40).

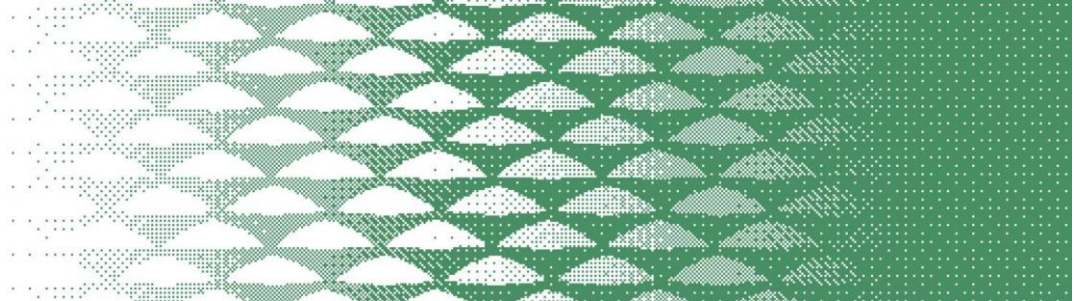
Durante a relação estabelecida no período de 9 semanas, três dos autores puderam se conectar com os vários participantes que compõem a FAG, com o intuito de celebrar e fortalecer as relações presentes no espaço. Dessa forma, este projeto é uma tentativa de expansão das relações existentes na feira, bem como do nosso próprio papel enquanto designers, uma vez que questionamos com criticidade as nossas práticas para valorizar diferentes processos e saberes.

2. Sociologia das Ausências e a tradição racionalista no design

No artigo *On human correspondence*, o antropólogo britânico, Tim Ingold (2016), afirma que a atencionalidade nos leva a romper com a objetificação e a dominação da vida, como propõe o modelo hilemórfico de Aristóteles. Quando praticamos a atencionalidade, e portanto a correspondência, somos sujeitos que fazemos, mas também, somos objetos que sofremos. A experiência, portanto, não pode ser dissociada da ação. Para o autor, somos transformados na medida em que caminhamos, não temos controle total das situações, não as dominamos completamente, o caminhar nos caminha. Nesse sentido, Ingold (2016) afirma que ampliar a visão de mundos se constitui em tornar a exclusão (*othering*) em conjunção (*togetherness*). Portanto, as operações de uma mente atenta não são cognitivas mas ecológicas, ou seja, não estão na mente mas no mundo.

Segundo Arturo Escobar (2020), antropólogo colombiano, o design é um domínio ou espaço importante para a criação de mundos e produção da vida. A partir dessa afirmação, o autor destaca a dimensão ontológica do design. Ela nos mostra que assim como criamos mundos por meio do design esses mundos, por sua vez, também nos projetam ou criam. Escobar (2016) afirma que o design surge e se sustenta até hoje dentro do que conhecemos como tradição racionalista. Para ele, esta tradição tem moldado as maneiras de ser e pensar dos designers. Podemos dizer que o design tem criado mundos baseado nesta tradição.

O sociólogo português Boaventura de Sousa Santos (2008) ressalta que uma das características da tradição racionalista é não enxergar a riqueza inesgotável do mundo. Ele afirma que essa racionalidade é reducionista e forma dicotomias que parecem simétricas mas escondem hierarquias e diferenças. Entre essas dicotomias se podem citar as seguintes: Norte/sul, homem/mulher,



cultura/natureza, entre outras. Igualmente, ele afirma que o racionalismo se baseia na transformação do real, mas não na compreensão do real. Essa atitude, segundo o autor, está nos levando ao desastre.

Para combater o caráter reducionista e hierarquizante do racionalismo, esse sociólogo propõe uma Sociologia das Ausências. Ou seja, uma sociologia insurgente que mostra que o que não existe é constantemente produzido como não existente, como invisível à realidade hegemônica do mundo. Essa invisibilidade diminui a riqueza do presente. O autor afirma que não há uma maneira única de produção das ausências, mas destaca cinco modos que as ciências sociais compartilham. Ele chama esses modos de monoculturas: Monocultura do saber e do rigor, monocultura do tempo linear, monocultura da naturalização das diferenças, monocultura da escala dominante e monocultura do produtivismo capitalista. Em contrapartida, ele propõe também cinco ecologias para substituir estas monoculturas, com o intuito de inverter a situação e criar a possibilidade de que essas ausências se tornem experiências presentes.

O quadro abaixo apresenta comparações entre as monoculturas e as ecologias. São elas:

Quadro 1 - Monoculturas e Ecologias de Boaventura de Sousa Santos

Monocultura do saber: o único saber rigoroso é o conhecimento científico, portanto outros conhecimentos não têm validade. Destrói outros conhecimentos, produz o epistemicídio: a morte de conhecimentos alternativos.	Ecologia dos saberes: o saber científico em diálogo com diversos saberes: laico, popular, indígena, das populações urbanas marginais, camponês. Uso contra-hegemônico da ciência hegemônica.
Monocultura do tempo linear: a história tem um sentido, uma direção e de que os países desenvolvidos estão na dianteira e são mais avançados, sempre à frente.	Ecologia das temporalidades: embora haja um tempo linear também existem outros tempos.
Monocultura da naturalização das diferenças: não saber pensar as diferenças com igualdade, equidade. "Inferiorizar" o que não é hegemônico.	Ecologia do reconhecimento: descolonizar nossas mentes para poder produzir algo que distinga, em uma diferença, o que é produto da hierarquia e o que não é.
Monocultura da escala dominante: o global, o universal é hegemônico; o particular, local, não conta, são invisíveis.	Ecologia da "transescala": a possibilidade de articular em nossos projetos as escalas locais, nacionais e globais.
Monocultura do produtivismo capitalista: o crescimento econômico e a produtividade do sistema capitalista determina a produtividade do trabalho humano ou da natureza, e tudo o mais não conta.	Ecologia das produtividades: recuperação e valorização dos sistemas alternativos de produção.

Fonte: Realizado pelos autores

Ao desenvolver o projeto que será apresentado neste artigo, aprofundou-se em duas monoculturas apontadas por Santos (2008): A Monocultura do Saber e do Rigor e a Monocultura da Escala Dominante. Em resposta às monoculturas, também buscamos aprofundar duas ecologias: a *Ecologia dos Saberes* e a *Ecologia das Produtividades*.

A partir destas duas monoculturas e ecologias nos perguntamos como o design pode contribuir para uma valorização de outros tipos de conhecimentos para além do âmbito acadêmico e de sistemas



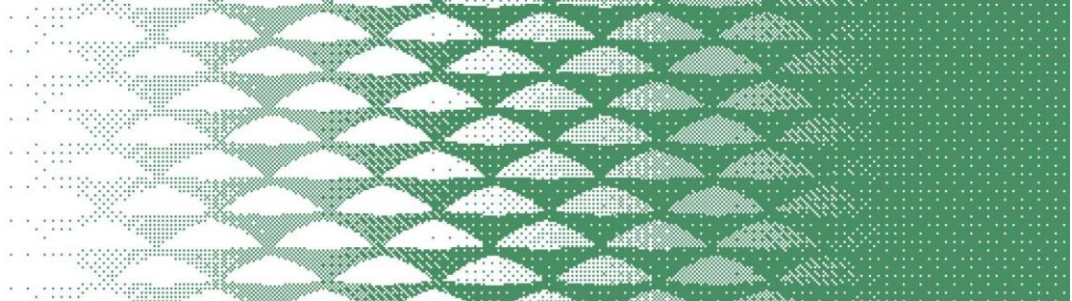
alternativos de produção para além dos capitalistas. Para isso, foi desenvolvido um projeto de 9 semanas na Feira Agroecológica das Graças (FAG), em Recife. Essa feira tem mais de 20 anos de existência no bairro das Graças, na Zona Norte da cidade. Ela reúne 20 famílias de agricultores que vendem seus produtos semanalmente naquele lugar sem atravessadores. A feira faz parte da Rede Espaço Agroecológico do Recife (MELO, 2017), articulada pelo Centro Sabiá. Essa rede está composta atualmente por quatro feiras realizadas em diferentes bairros da cidade: Graças (22 barracas); Boa Viagem (16 barracas), Santo Amaro (10 barracas) e Setúbal (10 barracas).

Os princípios do Centro Sabiá resgatam a elaboração coletiva de processos pedagógicos para gerar o empoderamento das famílias agricultoras; a promoção do acesso à informação; e a elaboração e aplicação de estratégias de gestão das feiras agroecológicas, com foco na autonomia e na auto-organização (Rede Espaço Agroecológico, 2017). A seguir, fazemos um relato do processo de projeto mostrando as atividades realizadas pela equipe, os resultados e as aprendizagens derivadas desta experiência.

3. Dinâmicas na Feira Agroecológica das Graças

O projeto se desenvolveu na disciplina de Metodologia e Desenvolvimento de Produto, como já mencionado anteriormente. Para começar, realizou-se a primeira visita na Feira Agroecológica das Graças (FAG), com a presença das estudantes Bruna Avellar e Lívia Oliveira. Apesar do projeto estar pautado no cronograma inicial, que tinha o objetivo de promover diálogos em grupo com produtores e associações sobre temáticas agroecológicas, as alunas foram à campo com o escopo aberto para conhecer aquele espaço e entender as dinâmicas existentes entre os produtores, clientes e transeuntes. Segundo Boaventura de Sousa Santos (2008), romper a discrepância entre experiência e expectativa, entre regulamentação e emancipação, compõe um pensamento alternativo às alternativas como um novo modo de produção de conhecimento. Sendo assim, foi necessário experienciar o território para construir saberes além do campo acadêmico que evidenciassem como a comunidade nas Graças cria aproximações entre o campo e cidade a partir das suas vivências agroecológicas presentes na FAG.

Essa vivência deu início ao mapeamento na feira conversando com quatro produtores fundamentais para o processo: Lenir Ferreira, Lurdes Alves, Cilene Alves e Pedro Custódio, que têm estado envolvidos na FAG desde sua fundação. Na primeira visita, Bruna Avellar e Lívia Oliveira dialogaram sobre a história da Feira, realizaram degustações e, conjuntamente, conheceram os alimentos mais marcantes de cada produtor agroecológico, tais como abacate, pastel de jaca, pão de macaxeira e maracujá-açu. Foram esses laços iniciados na primeira visita que permaneceram ao longo de todo o processo.



Quadro 2. Cronograma das atividades realizadas

Semanas	Atividades Realizadas
1ª Semana	Entendendo as dinâmicas da Feira e aproximando resultados
2ª Semana	Reconhecimento do território (barracas, alimentos, feirantes e associações)
3ª Semana	Mentoria do projeto, aplicação do Card Sorting e identificação de formatos editoriais
4ª Semana	Produção das Sondas culturais, investigação dos parceiros
5ª Semanas	Desenvolvimento da Sonda Cultural Física e Remota
6ª Semanas	Envios Sonda Cultural Física e Remota
7ª Semana	Análise das respostas + Produção do Guia físico
8ª Semana	Produção do Guia físico + Preparação da apresentação final
9ª Semana	Preparação da apresentação final

Fonte: Elaborado pelos autores

4. Produção da Sonda Cultural Física e Remota

Em uma das aulas da disciplina, foi realizada uma mentoria com a professora Maria Cristina para auxiliar no direcionamento do projeto. Dessa forma, a professora sugeriu que fosse realizado um *card sorting* a fim de dividir e categorizar temas observados a partir das visitas e levantados nas conversas com os agricultores. Além disso, foi proposto que fosse feita a seleção de 3 atores para a construção da narrativa do guia, podendo ser um produtor, um cliente e um restaurante, assim, havia a possibilidade de um contato mais objetivo, trazendo os participantes como co-autores.

Com o *card sorting*, categorizamos os relatos coletados na primeira visita em “História”, “Memória e Relações” e “Associações e Processos”, o que fomentou a discussão do grupo sobre quais indagações deveriam ser feitas dentro deste cenário. Decidimos, portanto, que seriam realizadas Sondas Culturais com o objetivo de registrar as vivências dos participantes através da auto-documentação. Assim, pensamos em desenvolver duas sondas, uma **remota** destinada aos clientes da FAG e outra **presencial** que seria entregue aos produtores agroecológicos. Por conta disso, percebemos a necessidade de gerar materiais distintos para cada sonda.

Para a sonda **remota** foi feito um material digital em *.png utilizando o aplicativo Canva⁵. Este material contava com uma capa com o nome que demos ao projeto: “Expandir da Madrugada”, uma breve introdução sobre o projeto e diferentes páginas que convidavam os participantes a contar um pouco sobre suas relações e aprendizados na FAG e a compartilhar imagens ou vídeos naquele lugar (Fig. 1).

⁵ Canva é uma plataforma de design gráfico online que permite aos usuários criar gráficos, apresentações e outros conteúdos visuais.



Figura 1. Páginas de 1 - 8 da Sonda Cultural Remota.



Fonte: Elaborado pelos autores

Ao todo foram feitas 6 perguntas: Quem é você? Qual a sua relação com a feira das Graças? Você tem alguma ideia do porquê a feira das graças acontece na madrugada? Quais são as suas vivências mais marcantes na FAG? Qual a melhor maneira de contribuir para os produtores agroecológicos na cidade do Recife? e, Qual o aprendizado você tem a compartilhar da sua vivência com a FAG? O material sugeria que as respostas poderiam ser enviadas com o formato que melhor funcionasse para os participantes, como áudio, texto e vídeo.

Já para a **sonda física** desenvolvemos um folheto através do Illustrator em tamanho A5, adotando o verde como cor principal e elementos ilustrados que remetesse ao universo da feira como frutas e lâmpada acesa, contendo um cartão postal com ilustração digital da barraca da produtora Cilene Alves. Em relação ao conteúdo, uma das maiores diferenças com as perguntas feitas aos clientes foi a respeito da rotina dos agricultores na madrugada de sexta-feira para sábado.

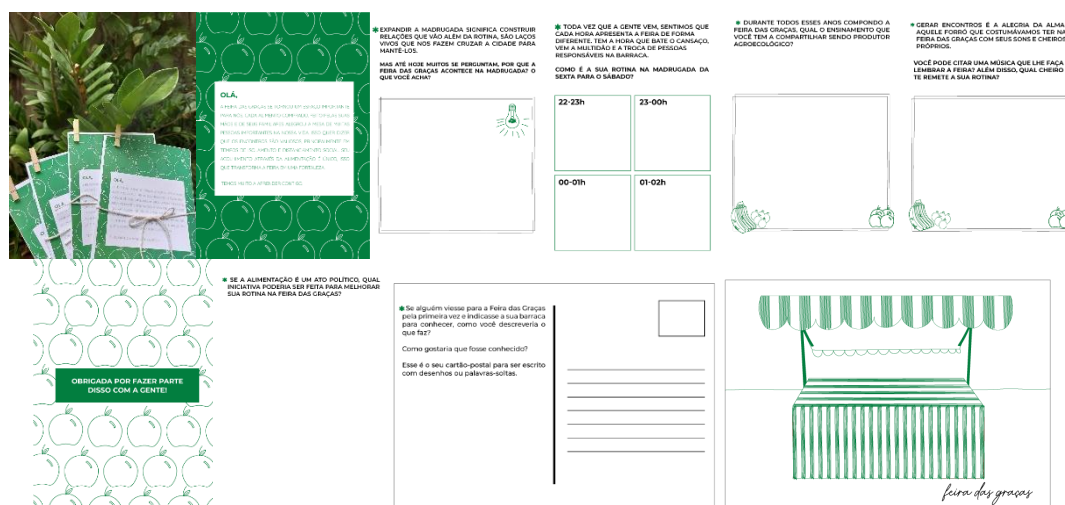
Também realizamos seis indagações: Por que a Feira das Graças acontece na madrugada? Como é a sua rotina na madrugada de sexta-feira para sábado? Se alguém viesse para a Feira pela primeira vez e indicassem a sua barraca para conhecer, como você descreveria o que faz, e como gostaria que fosse conhecido? Você pode citar uma música que lhe faça lembrar a feira? Se a alimentação é um ato político, qual iniciativa poderia ser feita para melhorar sua rotina na Feira das Graças? Qual o maior ensinamento que você aprendeu frequentando a Feira? O material continha convites para compartilhar imagens, vídeos, desenhos e experiências, além de um cartão postal com desenho na parte frontal de uma barraca, na tentativa de criar maior interação com os participantes.

A sonda física (Figura 2) foi impressa em papel couché, de gramatura 180, contendo 10 páginas. As folhas foram agrupadas por pequenos pregadores e amarradas com uma cordinha. Produzimos 4 sondas para serem entregues a Lurdes Alves, Cilene Alves, Lenir Ferreira e Pedro Custódio.

Figura 2. Páginas 1 - 9 da Sonda Cultural Física.



**JOP'21
DESIGN**
II Jornada de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Design - UFMA

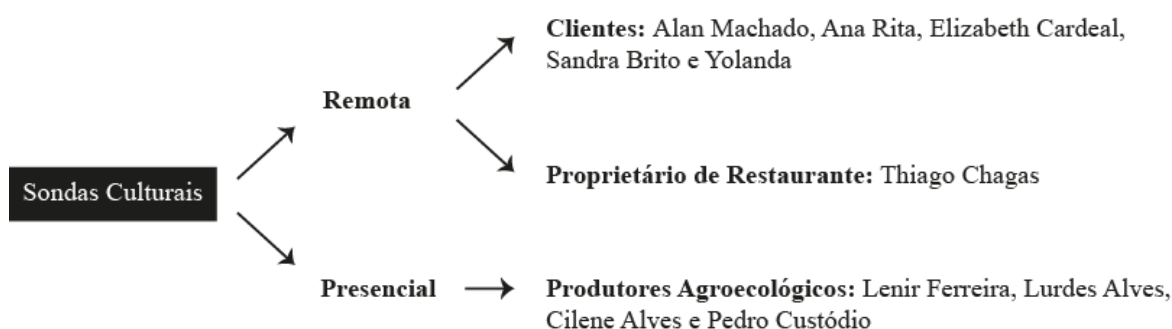


Fonte: Elaborado pelos autores

4.1 Mapeamento e Envio das Sondas Culturais

Após a elaboração das duas sondas, o projeto direcionou-se para o reconhecimento dos atores que participam ativamente da FAG (agroprodutores, clientes, associações e organizações). Com o objetivo de absorver diferentes perspectivas da rede de atores, inicialmente localizamos 18 possíveis participantes da **Sonda Cultural Remota**, contactados por meio do *Instagram* e *Whatsapp*. Dentre os integrantes escolhidos estavam ativistas ambientais, proprietários de restaurantes, clientes regulares e frequentadores esporádicos (Figura 3). Desse modo, todos foram selecionados a partir do relacionamento construído junto com a FAG, sendo algumas pessoas contactadas por intermédio dos próprios produtores.

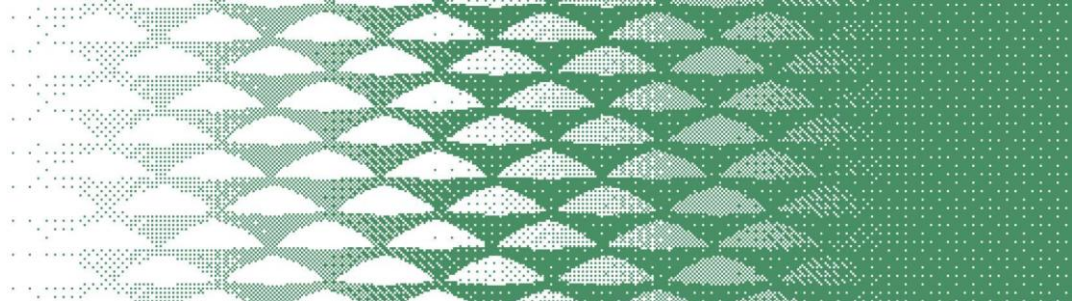
Figura 3. Mapeamento dos participantes das Sondas Culturais



Fonte: Elaborado pelos autores

Seguimos então, ao longo das duas semanas seguintes, com o envio dos materiais remotos. Nesse período, houveram retorno de 6 clientes: Ana Rita, Alan Machado, Sandra Brito, Yolanda Oliveira e Elizabeth Cardeal, além do proprietário do restaurante Thiago Chagas. Através de áudios, imagens e textos, conheceu-se relatos íntimos e diversos acerca das histórias que compunham as relações naquele espaço, voltadas frequentemente para o que torna peculiar a FAG.

Seguimos então, ao longo das duas semanas seguintes, com o envio dos materiais remotos. Nesse período, houve retorno de 6 clientes: Ana Rita, Alan Machado, Sandra Brito, Yolanda Oliveira



e Elizabeth Cardeal, além do proprietário do restaurante Thiago Chagas. Através de áudios, imagens e textos, conheceu-se relatos íntimos e diversos acerca das histórias que compunham as relações naquele espaço, voltadas frequentemente para o que torna peculiar a FAG.

As Sondas Culturais físicas, no entanto, passaram por um mapeamento e envios distintos. Após as 2 visitas prévias ao espaço, produzimos 4 materiais físicos, uma vez que houve abertura e interesse dos produtores para fazer parte do projeto. Todavia, não havia certeza em relação à vontade dos produtores em participar da atividade com a Sonda em si. Previamente ao envio da Sonda Cultural física, também foi necessário contactar cada produtor, por meio de ligações pela rede social *Whatsapp*. Foi preciso lembrá-los quem fazia parte da equipe e questionar a iniciativa do Guia Experimental. Nesse processo, começamos a perceber que algumas das pessoas com quem houveram conversas presenciais talvez não tivessem a disponibilidade de responder à sonda como o esperado. Logo, coube a equipe fazer mais uma visita para entender como funcionaria a utilização da sonda fisicamente.

Na chegada à FAG, Bruna e Lívia logo evidenciaram que não havia como utilizar a Sonda com os produtores. A dinâmica do espaço, mesmo identificada ao longo dos encontros, não permitia o momento de pausa para a escrita e auto documentação. Por mais que existissem momentos com fluxo reduzido, eram justamente nesses horários que as pessoas paravam para tomar um café, conversar sobre a vida e descansar, tornando a escrita de oito respostas sob uma luz com baixa intensidade uma atividade pouco estimulante.

Logo, com materiais prontos e muitos questionamentos, foi necessária uma pausa na beira da calçada por parte das alunas para rever um dos principais objetivos com a sonda: registrar através da auto-documentação. Dessa forma, as alunas partiram para outras alternativas de registro, uma vez que também não conseguiriam gravar o encontro em vídeo e áudio por pedido de alguns produtores.

Reutilizando o material construído foi entendido que, diante do contexto, o que mais funcionaria seria trazer as perguntas da sonda de uma forma mais fluida, mesmo com a impossibilidade de gravação de voz. Com isso, retirou-se algumas páginas do material e seguiu-se para conversar com Cilene Alves e Felipe Custódio, 2 dos 4 produtores contactados. Além de responderem sobre as perguntas preestabelecidas, diversas outras foram surgindo no momento, abrindo margem para 6 horas de conversas.

Por fim, a sonda produzida permaneceu como um espaço de registro das respostas, desta vez por parte das alunas. Além disso, o livreto foi entregue como uma recordação para os participantes e o cartão postal presente no material como forma de agradecimento por toda a abertura dos encontros.

Figura 4. Início da manhã com Cilene Alves - Entrega do Cartão Postal.



Fonte: Foto dos autores



5. Expandir da Madrugada: Produção do Guia Experimental

Dando continuidade ao desenvolvimento do Guia, é importante evidenciar que tanto a estruturação narrativa quanto a linguagem foram baseadas nas visitas e ferramentas utilizadas ao longo das 9 semanas. Entendemos, após esse período, que o Guia que foi proposto a ser desenvolvido no começo do projeto faria sentido para celebrar e fortalecer todas as relações envolvidas naquele espaço, relações essas que se expandem para além de moldes campo/cidade.

Encontramos no Guia um meio para confrontar duas das monoculturas propostas por Santos (2008), citadas anteriormente. Estas monoculturas são: a Monocultura do saber e do rigor e a Monocultura do produtivismo capitalista. O Guia foi proposto como um caminho para contribuir por meio do design para uma valorização de outros tipos de conhecimentos para além do acadêmico e de sistemas alternativos de produção para além dos capitalistas.

Além disso, partindo do pensamento de Santos (2008) acerca da necessidade de expandir o presente para incluir nele muito mais experiências, direcionamos a narrativa para um convite para vivenciar a madrugada na Feira, por meio das histórias de quem a compõe. Este Guia está direcionado a todos os participantes da FAG, sejam os produtores, clientes antigos ou frequentadores esporádicos.

Utilizamos como linha narrativa para o Guia pela madrugada, no qual foi percebido diversas particularidades de acordo com o passar das horas. Cada página representou um horário distinto, sendo compostas por 11 *frames* narrativas e 15 falas dos diferentes autores que escutamos por meio das sondas e das entrevistas. Dessa forma, ao longo do percurso o(a) leitor(a) pode encontrar as diversas peculiaridades da FAG através dos relatos, costumes, músicas, cheiros e celebrações, contados pelos participantes.

Para compor o artefato, buscamos a identidade visual já integrada da Feira, com as cores de sua marca agregada às tonalidades dos produtos comercializados. Ademais, produzimos 18 ilustrações em conjunto com fotografias para fomentar o sentimento de proximidade.

Figura 5. Percurso do Guia Experimental



Fonte: Realizado pelos autores

Figura 6. Fotografias e Ilustrações



**JOP'21
DESIGN**
II Jornada de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Design - UFMA



Fonte: Realizado pelos autores

Considerações Finais

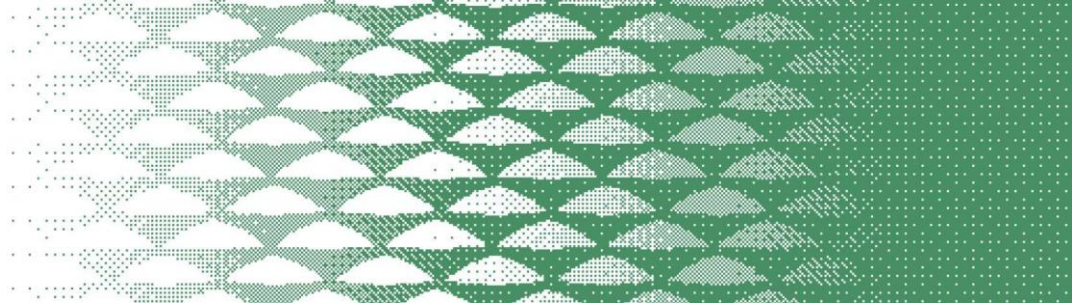
O objetivo central deste artigo foi repensar práticas do design por meio das ecologias propostas pelo sociólogo Boaventura de Sousa Santos, com ênfase na Ecologia dos Saberes e das Produtividades. Para atingir este objetivo desenvolvemos um Guia Experimental com o escopo de valorizar os diferentes conhecimentos que compõem a feira e outras formas de produção para além da lógica capitalista. O Guia pôde expandir as peculiaridades do espaço.

Consideramos o referencial teórico fundamental para estimular a consciência crítica das nossas práticas como designers simultaneamente ao desenvolvimento do projeto. Sendo assim, ao relacionarmos constantemente nossa experiência com a teoria, buscamos repensar o papel impositivo do design. Por isso, através do diálogo entre os diversos saberes que pulsam na Feira, articulado à força da produção local pudemos questionar a hegemonia agroalimentar.

Com o intuito de aprender com o campo do Design Participativo, pôde-se analisar por meio das Sondas Culturais Físicas e Remotas as diferentes perspectivas dos participantes que compõem a FAG. Mesmo com a necessidade de adaptação da ferramenta, conseguimos reutilizar o material de acordo com as circunstâncias, percebendo que a metodologia deve ser capaz de adaptar-se ao contexto de forma fluida. Essa adaptação se relaciona com o pensamento de Ingold (2016), ao afirmar que somos transformados na medida em que caminhamos, não temos controle total das situações. Consequentemente, apreende-se a experiência como condutora do processo, não havendo espaço para metodologias rígidas.

No contato com as pessoas que participaram da pesquisa com as Sondas Culturais (remota e física), reforçamos que a FAG tem outros tempos, diferentes daqueles dos grandes supermercados, por exemplo. Para Thiago Chagas, a FAG possibilita “estar em contato, fazer uma troca direta com o agricultor, aprender, respeitar os ciclos, o tempo. Saber da dificuldade que ele [agricultor] tem, como ele faz pra plantar, pra colher. Isso tudo é respeitar o trabalho com o alimento, é respeitar o alimento.”

Este depoimento mostra dinâmicas para além da produção capitalista, visto que porque a agroecologia tem seus próprios tempos e ciclos, que não são acelerados com agrotóxicos. Santos (2008) explica que os produtos químicos mudaram o conceito de produtividade da natureza, diferente daquele de ciclos de produção que é utilizado por algumas comunidades para que a Terra descansa. Nessa lógica, quando a terra não produz a certos ritmos, pode ser considerada estéril. Além disso, os clientes têm contato direto com os agricultores, podendo aprender com eles sobre os próprios



processos de cultivo e a respeitar o alimento. Reconhecemos, portanto, o design como uma ferramenta potente para valorizar essas formas de produtividade, tendo sido esta a finalidade do projeto.

Por fim, entendemos que a força do nosso projeto se encontra na prática de um design que critica o seu próprio fazer. Ao repensarmos nossas práticas, através das ecologias de Santos (2008), pudemos praticar um design para além da resolução de problemas. Assim sendo, por meio do desenvolvimento do Guia Experimental da Feira das Graças possibilitamos que a conexão entre diversos conhecimentos e vivências pudesse celebrar e fortalecer as relações envolvidas naquele espaço.

Expanding the Dawn: Monocultures and Ecologies in Design Practice

Abstract:

The British anthropologist Tim Ingold (2016) states that attention leads us to break away from the objectification and domination of life, since we are subjects that we do, but we are also objects that we suffer. According to Arturo Escobar (2020), a Colombian anthropologist, design is an important domain or space for the creation of worlds and the production of life, being sustained until today within what we know as rational tradition. For the sociologist Boaventura de Sousa Santos (2008), one of the characteristics of the rationalist tradition is reductionism, not seeing the inexhaustible wealth of the world. To combat the reductionist and hierarchical character of rationality, this sociologist proposes a Sociology of Absences. In other words, an insurgent sociology that shows the invisible aspects of the world's hegemonic reality. This invisibility provides the richness of the present. The author states that there is no single way of producing absences, but highlights five ways that the sciences share. He calls these modes monocultures. On the other hand, he also proposes five ecologies to replace these monocultures, in order to be able to reverse the situation. In this article, we seek to deepen two ecologies: the Ecology of Knowledge and the Trans-scale Ecology. Based on them, we ask ourselves how design can contribute to an appreciation of other types of knowledge beyond the academic and alternative production systems beyond the capitalist ones. For this, a 9-week project was developed at the Feira Agroecológica das Graças (FAG), in Recife. In it, the tools and concepts of Participatory Design (DP) were used, such as cultural probes; and how to approach field research. As a result, we propose an Experimental Guide as a way through the design of valuing extra-academic knowledge and alternative production systems.

Keywords: design; cultural probes; ecologies and monocultures; rationality; feira agroecológica das graças

Referências bibliográficas



**JOP'21
DESIGN**
II Jornada de Pesquisa do Programa
de Pós-Graduação em Design - UFMA



ESCOBAR, Arturo. **Autonomía y diseño: la realización de lo comunal**. Popayán: Universidad del Cauca. Sello Editorial, 2016.

ESCOBAR, Arturo. **Contra o terricídio**. N-1 Edições. 2020. Disponível em: <https://www.n-1edicoes.org/textos/190>. Acesso em: 15 mai. 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 65. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2018.

INGOLD, Tim. On human correspondence. **Journal of the Royal Anthropological Institute**. Vol.23, Ed. 1. 2016.

MATTELMÄKI, Tuuli. **Design Probes**. Finlândia: Universidade de Arte e Design de Helsinki, 2006.

MELO, Paula. Feira orgânica das Graças completa 20 anos. **Por Aqui**, 2017. Disponível em: <https://poraqui.com/gracas/feira-organica-das-gracas-completa-20-anos/>. Acesso em 31 mai. 2021.

REDE ESPAÇO AGROECOLÓGICO. Rede Espaço Agroecológico: Autonomia na Comercialização de Alimentos Saudáveis em Pernambuco. **Teia Agroecológica**, Recife, v. 1, mai. 2019. Disponível em: https://agroecologia.org.br/wp-content/uploads/2019/05/Informativo_01_WEB.pdf. Acesso em: 31 mai. 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, v. 63, p. 237-280, out. 2002.

SIMONSEN, Jesper, ROBERTSON, Toni. **Participatory Design: an introduction**. In: SIMONSEN, Jesper, ROBERTSON, Toni. Routledge International Handbook of Participatory Design, 2013. p 1-18.